

# EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO INDÍGENA NA ATUALIDADE FRENTE O OLHAR DO HOMEM BRANCO NOS LIVROS DIDÁTICOS

Maria Elena Aquino Dutra<sup>1</sup>  
Ilma Regina Castro Saramago de Souza<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem por objetivo realizar uma análise bibliográfica de 6 livros didáticos, a fim de verificar como os indígenas são representados nos livros didáticos utilizados em escolas de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Ponta Porã no Mato Grosso do Sul. Dos livros analisados dois são do 1º ano do Ensino Médio, dois do 6º ano do anos finais do Ensino Fundamental II, do qual um destes livros pertence a escola privada, um livro do 7º ano e um livro do 4º ano. A pesquisa é resultado de questionamentos levantados acerca do tema na disciplina de Educação Escolar Indígena do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Com o estudo foi possível verificar que os livros didáticos analisados ainda reproduzem uma visão estereotipada e distorcida dos povos indígenas, apesar das mudanças promovidas pela legislação brasileira no decorrer dos anos com relação aos direitos indígenas.

**Palavras-chave:** Educação. Representação social indígena. Livros didáticos.

## INDIGENOUS SCHOOL EDUCATION: AN ANALYSIS OF THE SOCIAL REPRESENTATION OF THE INDIGENOUS PEOPLE TODAY IN VIEW OF THE WHITE MAN IN TEXTBOOKS

### ABSTRACT

This article aims to perform a bibliographic analysis of 6 textbooks, in order to verify how the indigenous people are represented in the textbooks used in elementary and high schools in the city of Ponta Porã in Mato Grosso do Sul. they are from the 1st year of High School, two from the 6th year of the final years of Elementary School II, of which one of these books belongs to a private school, a book from the 7th year and a book from the 4th year. The research is the result of questions raised on the subject in the discipline of Indigenous School Education in the Pedagogy course at the Federal University of Mato Grosso do Sul. With the study it was possible to verify that the textbooks analyzed still reproduce a stereotyped and distorted view of indigenous peoples, despite the changes promoted by Brazilian legislation over the years regarding indigenous rights.

**Keywords:** Education. Indigenous social representation. Didactic books.

Recebido em 21 de janeiro de 2021. Aprovado em 05 de fevereiro de 2021.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

<sup>2</sup> Universidade Federal da Grande Dourados

## INTRODUÇÃO

A história dos indígenas no Brasil vem marcada por batalhas, lutas pela sobrevivência, desafios e muita resistência por parte destes povos, pois desde o descobrimento do Brasil e a colonização portuguesa muitos foram exterminados e desapareceram, restando poucas etnias. Segundo Vieira (2016, p. 55) “a história do povoamento indígena no Brasil é, além de tudo, uma história de despovoamento, considerando epidemias, guerras intertribais e guerras contra os europeus”.

Desde o descobrimento os povos indígenas vêm lutando contra a supremacia e dominação do homem branco, com a chegada dos portugueses no Brasil no século XVI, estabeleceu-se no país uma dominação sobre estes povos, impedindo-os de exercerem seus direitos e de serem reconhecidos como cidadãos até o século XX. Foi a partir deste século com a elaboração da Constituição Federal de 1988, que eles passaram a ter algum direito garantido, pois foi a partir deste momento que passaram a ser reconhecidos como cidadãos brasileiros e não apenas como meros indivíduos sem nenhuma cultura ou sem nenhum direito, mas mesmo assim, muitas vezes são vistos como selvagens pela maioria da população branca.

Conforme Vieira (2016) os povos indígenas no Brasil foram sempre vistos ora como posse ora como selvagens que deviam ser evangelizados e civilizados pelo homem branco, mas muitas vezes lutaram e buscaram formas de negociar sua sobrevivência. Portanto, os indígenas também buscavam meios de lutar pela sua sobrevivência em meio a imposição da cultura do branco, pois se não fosse a sua resistência e luta, muitas culturas não existiriam mais.

A lei 6.001 de 1973 estabelecia que os indígenas eram incapazes e que por isso deveriam ser tutelados pelo Estado, mas foi a Constituição Federal Brasileira de 1988 que trouxe mudanças para estes povos, sendo que a partir dela eles foram reconhecidos legalmente como indivíduos de uma cultura, retirando assim o caráter assimilacionista, abrindo brechas para a garantia de seus direitos.

Apesar das mudanças ocorridas a Constituição ainda define que a União tem por função respeitar e fazer respeitar estes povos, mas não garante de certa forma aos índios terem sua própria terra ou responderem por si mesmos, pois o governo federal ainda acaba por responder por estes povos, dos quais ainda são tutelados pelo governo. Sendo assim, é possível elencar que por mais que os indígenas sejam reconhecidos como sujeitos sociais, eles não estão totalmente livres.

Foi por meio dos estudos, discussões e leituras realizadas em sala de aula na disciplina de Educação Escolar Indígena durante o curso de Pedagogia que surgiram indagações acerca de como os indígenas são representados nos livros didáticos utilizados em escolas de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Ponta Porã no Mato Grosso do Sul.

Sendo assim, esta pesquisa tem por intuito responder a esta indagação, assim como promover reflexões acerca da representatividade dos povos indígenas na atualidade levando em consideração as tantas mudanças ocorridas na legislação brasileira a respeito destes indivíduos.

## METODOLOGIA

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, baseada na leitura de artigos e livros sobre o tema, dos quais para análise dos dados sobre a representatividade indígena utilizou-se livros didáticos de História do 4º, 6º e 7º anos do Ensino Fundamental I e II e livros do 1º ano do Ensino Médio.

Conforme Gil (1987) a pesquisa bibliográfica desenvolve-se a partir de material já elaborado, em livros e artigos científicos, sendo que sua principal vantagem é que permite ao investigador obter a cobertura de fenômenos de forma mais ampla daquela que poderia ser feita diretamente.

Nota-se que a pesquisa bibliográfica é uma excelente fonte de pesquisa para sanar questionamentos, assim como proporciona a averiguação de dados apontados, vindo portanto de encontro com esta pesquisa, podendo dar suporte para futuras pesquisas de campo sobre o tema abordado.

Conforme Bitencourt (2004, *apud* Silva e Amorim, 2016, p. 13) ao analisar documentos devemos descrever, mobilizar, identificar, situar e explicar para chegar a respostas referentes a dúvidas levantadas. Portanto, ao observar os livros didáticos é importante não só identificar, situar e explicar, mas também é necessário a realização de uma reflexão acerca dos resultados encontrados.

Partindo da análise bibliográfica utilizando-se de fontes que proporcionou verificar como os indígenas são apresentados às crianças em escolas públicas e privadas por meio do livro didático. Para a pesquisa foram utilizados um livro da 4<sup>o</sup> série do Ensino Fundamental I, dois livros do 6<sup>o</sup> ano do Ensino Fundamental II, sendo um de escola privada e outro de escola pública, um livro do 7<sup>o</sup> ano do Ensino Fundamental II e dois livros do 1<sup>o</sup> ano do Ensino Médio de uma escola estadual.

Os livros aqui analisados são de editoras e de anos diferentes, sendo os mais atuais do anos de 2017 e 2019, os materiais foram adquiridos por meio de empréstimo, pois foram solicitados às escolas, municipal, estadual e privada, estando todas localizadas no município de Ponta Porã (MS).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos livros didáticos iniciou-se pelo livro “Buriti mais História” da editora Moderna, publicado em 2017 e direcionado ao 4<sup>o</sup> ano do Ensino Fundamental anos iniciais, do qual está em uso em uma escola municipal do município de Ponta Porã/MS e será utilizado pelos próximos anos por outros alunos até o ano de 2022.

O livro está dividido em 4 unidades, contendo 4 capítulos cada uma, sendo que cada capítulo traz uma determinada imagem sobre os primeiros habitantes, ou seja, além de ter um capítulo específico que discute sobre o tema, o mesmo correlaciona estes com os outros capítulos.

Segue abaixo algumas imagens do livros e partes dos textos que se encontram nos livros didáticos analisados. O primeiro livro a ser analisado foi o livro direcionado ao 4 ano do Ensino Fundamental I.

**Figura I.** Capa do Livro



**Fonte:** Vasconcelos (2017)

**Figura II.** Contracapa



**Fonte:** Vasconcelos (2017)

Desde a unidade I, no primeiro capítulo o livro traz fotos do descobrimento e dentro delas aparecem os indígenas, estando também presente outras imagens e algumas colocações a respeito destes povos em outros capítulos também. A temática sobre os indígenas tem mais ênfase na Unidade 3 denominada de “A formação do Brasil”, onde destaca de início a ocupação do território brasileiro pelos indígenas antes mesmo da chegada dos europeus.

**Figura III.** Unidade 3 Cap.1



**Fonte:** Vasconcelos (2017)

**Figura IV.** Explicação sobre os indígenas.



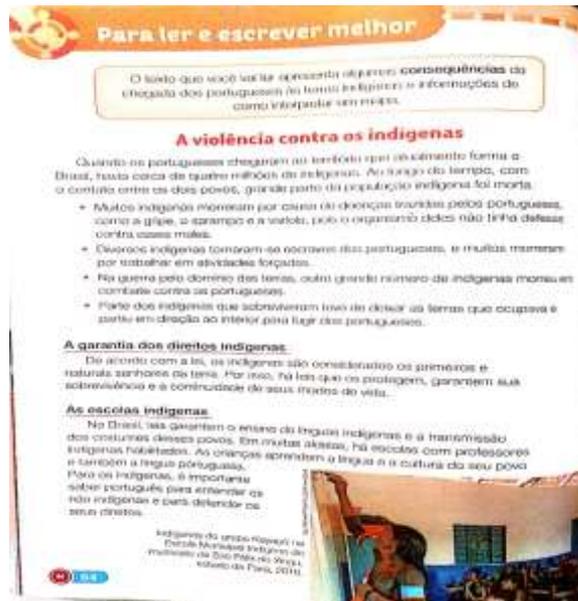
**Fonte:** Vasconcelos (2017)

Nas partes iniciais do livro (pág.78) os indígenas ainda aparecem como eles eram vistos pelos colonizadores, como seres hostis e que precisavam ser colonizados e domesticados, sendo estes desprovidos de qualquer conhecimento cultural, mas dentro do texto explicativo é contemplado as lutas que estes povos tiveram para manter-se vivos, perante o homem branco colonizador, assim como permite que as crianças discutam e reflitam sobre o que ocorreu com estes povos.

Na página 79 do livro há um questionamento sobre as imagens existentes no livro, se ela é real ou se era a imaginada pelo portugueses, já as páginas seguintes (pág. 80 e 81) o livro didático Buriti traz um texto e uma imagem de crianças indígenas como eles são e como vivem na atualidade, estas imagens estão no exercício proposto pelo material didático que destaca crianças indígenas Guaraní Mbyá brincando em uma aldeia localizada na cidade de São Paulo. (Figura V)

O texto que se encontra nas páginas elucidadas acima conta um pouco sobre a exploração do pau-brasil, assim como retrata como eram os indígenas que viviam no litoral brasileiro antes da chegada dos portugueses, onde no questionário uma das atividades propostas é fazer uma pesquisa sobre quais os povos indígenas ainda vivem na região em que se mora.

**Figura V.** A violência contra os indígenas.



**Fonte:** Vasconcelos (2017)

A página 84 do livro didático vem tratando sobre a violência que os povos indígenas sofreram e vem sofrendo na atualidade e que hoje eles lutam por seus direitos e por suas terras, assim como tem uma educação escolar que garante a aprendizagem e a manutenção de sua cultura. O livro também pontua sobre como forma regularizadas suas terras no ano de 2017, assim como destaca a exploração que ainda sofrem. Outras partes do livro que discutem sobre higiene também dão destaque à informações sobre os indígenas e seus costumes, que de certa forma foram adotadas pelo homem branco e pelo europeu.

Em outra foto na página 119 do livro aparece um grupo de indígenas pertencentes a tribo Kaingang no Rio Grande do Sul (Figura VI), vestidos com roupas que identificam seu povo, com cocares e lanças nas mãos, levando a pensar que eles ainda são povos hostis.

**Figura VI.** Atividades p.81

**Figura VII.** Atividades p.119



**Fonte:** Vasconcelos (2017)



**Fonte:** Vasconcelos (2017)

Segundo Silva e Amorim (2016) é importante questionar porque os indígenas ainda são mostrados como se ainda estivessem vivendo no passado, pois muitas vezes as imagens

colocadas nos livros mostram os indígenas como povos bárbaros e indomáveis, sendo limitadas e insuficientes para mostrar a realidade.

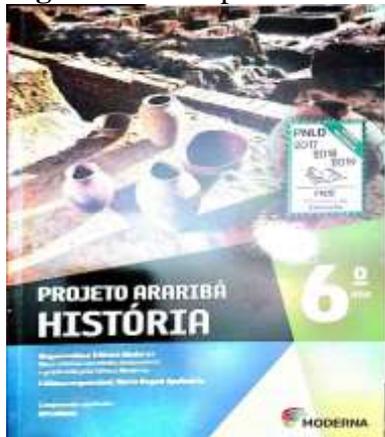
Os livros ainda mostram os indígenas como na época do descobrimento do Brasil, sendo que hoje estes vivem da mesma forma que o homem branco, se vestindo muitas vezes com suas vestimentas e usando cocares ou lanças apenas em suas festas típicas, a fim de mostrar um pouco sobre como é a sua cultura. Mas há aqueles que vivem totalmente isolados e que procuram não manter o contato com a civilização branca e que procuram manter sua cultura viva a todo custo.

Conforme Calderoni (2016) os indígenas aparecem no cenário brasileiro como grupos diferenciados, mas devido a um entendimento errado acerca desta diferença, acabam por ser concebidos por representações cheias de estereótipos que geram preconceitos. Sendo assim, os livros didáticos precisam desconstruir muitos conceitos e preconceitos elaborados atualmente, pois as crianças ainda aprendem na escola que o índio anda nu, com lança na mão e de cocar na cabeça, como se ainda fosse um selvagem.

Filho (2016) salienta que o livro didático tem por função contribuir para o planejamento didático do professor, sendo um importante recurso contribuindo para a dinâmica em sala de aula. Portanto, sendo visto como um recurso didático necessário e de auxílio ao educador, passa a ser uma ferramenta presente em todas as instituições escolares, sejam elas públicas ou privadas, tornando-se uma fonte de conhecimento indispensável algumas vezes.

### ***Análise dos livros do 6º ano do Ensino Fundamental dos anos iniciais da Editora Moderna e Editora MaxPrint***

**Figura VIII.** Capa livro 6º ano



**Fonte:** Apolinário (2014)

**Figura IX.** Contracapa livro 6º ano



**Fonte:** Apolinário (2014)

Este livro didático não possui um capítulo específico que trata sobre os primeiros habitantes do Brasil ou sobre os povos indígenas, mas possui algumas imagens que trazem imagens de povos indígenas com pequenos trechos contando sobre seus costumes, como é o exemplo da página número 22, que traz um pequeno quadro sobre a grafia dos nomes de povos indígenas e apresenta a imagem de uma dança típica do povo Barasano de Manaus (Figura X). Segundo Silva e Amorim (2016) as imagens possuem diversos elementos que precisam ser explorados e discutidos, e o educador precisa buscar meios para que isso ocorra nas salas de aula, precisam se atentar para a cultura, costumes e identidade.

**Figura X.** Indígenas do povo Barasano



Apolinário

**Figura XI.** Escola Indígena aldeia Kuikuru



Fonte: (2016)

Fonte: Apolinário (2016)

As figuras X e XI estão presentes nas páginas 22 e 23 do livro em um capítulo que trata sobre questões históricas e outra relacionadas ao controle do tempo, mas há uma diferença entre elas, pois um mostra o indígena com seus trajes típicos e outro já mostra a sala de aula de uma escola indígena dos tempos atuais, mas o que se ressalta é que elas estão ali presentes sem ter nenhum questionamento com relação aos costumes indígenas sobre como os indígenas calculam o tempo, se eles ainda utilizam os métodos usados por seus antepassados ou não, não há portanto, nenhum questionamento sobre estes povos e a sua cultura.

**Figura XII.** Criação do povo Munduruku



Fonte: Apolinário (2014)

De acordo com Silva e Amorim (2016) muitas vezes as imagens deixam a desejar, pois são colocadas dentro do livro, mas não trazem muitas explicações sobre a imagem, pois tem a intenção de mostrar como são os povos indígenas, mas não dão ênfase realmente a cultura de cada um, as diferenças entre uma tribo e outra, assim como a importância da manutenção de sua cultura para as futuras gerações, as imagens muitas vezes aparecem mas com poucas informações sobre o que se mostra.

A página 58 do livro traz um texto sobre a mito da criação do povo Munduruku onde a imagem (Figura XII) mostra novamente os indígenas com suas vestimentas tradicionais de festa e relata sobre a origem deste povo, mas não pontua em seus questionamentos o porquê destes indígenas estarem se vestindo desta forma, se existem muitos indígenas desta tribo ainda, como é a sua vivencia nesta aldeia, assim como não promove de nenhuma maneira a reflexão por parte dos estudantes nos questionamentos pontuados no livro.

Para Amorim e Silva (2016) os livros didáticos procuram reforçar de toda maneira a cultura do índio, mostrando seus modos de vida e costumes, sendo que reforçam apenas essa ideia e reforçam o conceito do indígena genérico.

Mas essa visão preconceituosa precisa ser desconstruída dentro da escola, pois se não for, os indígenas ainda continuarão sendo vistos como sujeitos aculturados, que não trabalham, hostis e selvagens ou que não vivem de outra forma, a não ser pintados ou nus.

**Análise da Apostila Maxi da Editora MaxiPrint do 6º ano do Ensino Fundamental II**

**Figura XII.** Capa apostila Maxi



**Figura XIII.** Contracapa da apostila



**Fonte:** Dornelas e Mariano (2019)

**Fonte:** Dornelas e Mariano (2019)

Uma das diferenças deste material para o das escolas públicas é de que é um conjunto de apostilas utilizado pela instituição, sendo este da disciplina de História e que traz reformulações de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O livro aqui apresentado é o caderno 1, material do professor que de início faz uma apresentação sobre a proposta pedagógica, assim como fala da BNCC e da história com sugestões de planos de aulas e pontua comentários sobre as unidades, sugerindo também leituras e sites.

**Figura XIV.** Unidade 4

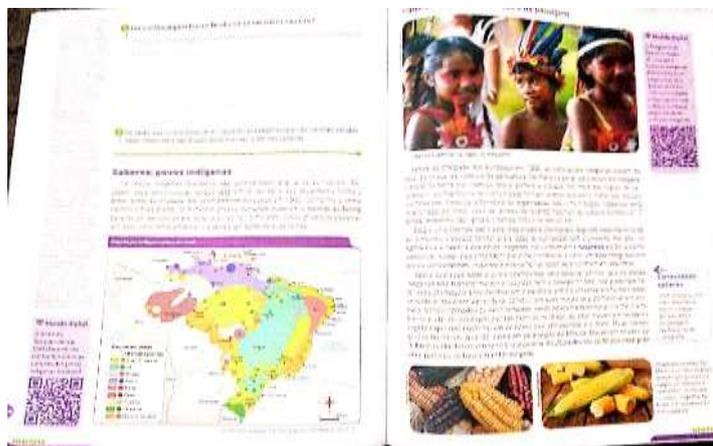


**Fonte:** Dornelas e Mariano (2019)

O livro traz referências aos povos indígenas a partir da unidade 4, onde há uma imagem de uma dança dos povos indígenas, mas há poucas discussões acerca da sua cultura, sendo que o texto traz conceitos simples de cultura e sociedade, assim como os mitos de criação das

civilizações. Somente na página 492 que há um pequeno trecho que discute sobre os povos indígenas e dá ênfase ao povo Kamaiurá do Alto Xingu no Mato Grosso, onde relata um pouco sobre seu surgimento e suas características culturais

**Figura XV.** Pág. 494 e 495

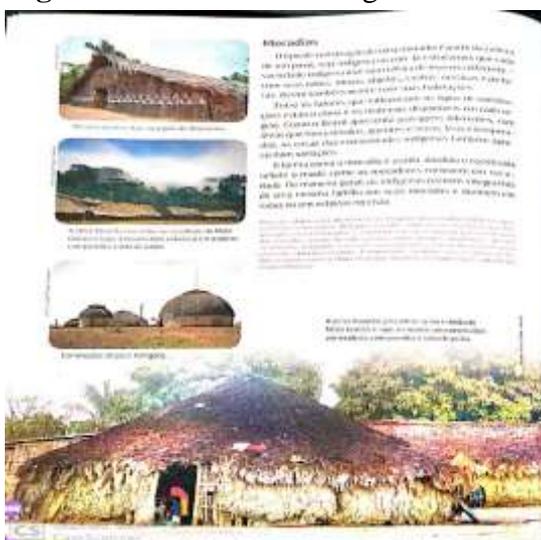


**Fonte:** Dornelas e Mariano (2019)

Na página 494 aparece alguns apontamentos sobre os saberes dos povos indígenas e sua denominação, assim como mostra em um mapa quais eram as populações indígenas antes de 1500, dando mais atenção aos mitos indígenas. A página 495 traz discussões sobre a transformação da natureza e da paisagem, trazendo imagens de crianças indígenas da região do Amazonas, sendo que o pequeno texto não fala nada sobre a respectiva foto, apenas enfatiza como viviam os indígenas antes da chegada dos europeus e como era seu modo de subsistência, seus alimentos que cultivavam e como estes protegiam e protegem o meio em que vivem.

Este material traz poucas discussões acerca da cultura ou da realidade indígena frente a atualidade, sendo semelhante aos livros da escola pública, pois as imagens que permeiam o livro também são semelhantes aos demais livros encontrados. Uma diferença é que este material é apostilado e vem todo baseado em uma proposta pedagógica que serve como base para os estudos, que é a Pedagogia Afetiva, baseada em correntes educacionais Interacionistas (MAXI HISTÓRIA, 2019)

**Figura XVI.** Moradias indígenas



**Fonte:** Dornelas e Mariano (2019)

A página 496 da apostila traz algumas imagens de tipos de moradias de diferentes povos indígenas e destaca que cada povo tem sua cultura, por isso muitas das moradias são diferentes umas das outras, assim como na página seguinte pontua dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a quantidade de populações indígenas existentes na atualidade, a quantidade de línguas ainda existentes e um pequeno mapa das terras indígenas.

Os autores Silva e Amorim (2016) trazem alguns questionamentos com relação as moradias, será que todas as casas, assim como escolas indígenas hoje são feitas do material apresentado na imagem? Nas aldeias da atualidade todas as moradias indígenas ainda são iguais? Todos os indígenas possuem um teto para morar?

Estas são reflexões importantes a serem feitas pelos estudantes, sendo que o professor precisa ser o mediador dessas reflexões, para estes autores, a realidade sobre a vida indígena, fica escondido dos alunos, pois nos manuais didáticos tudo vem sendo mostrado como sendo lindo e maravilhoso, e a realidade acaba que ficando escondida dos olhos e do conhecimento dos alunos das escolas, sejam elas públicas ou privadas, estaduais ou municipais

Por exemplo os questionários da apostila referente a figura XVI trazem questões que pontuam mitos ou verdade sobre os índios, como o melhor lugar para eles viverem, assim como traz a foto de uma vila Kamaiurá no Xingu e solicita que os alunos analisem a imagem e respondam as questões apresentadas, como o tema da imagem, localização das terras indígenas e características do lugar em que vivem.

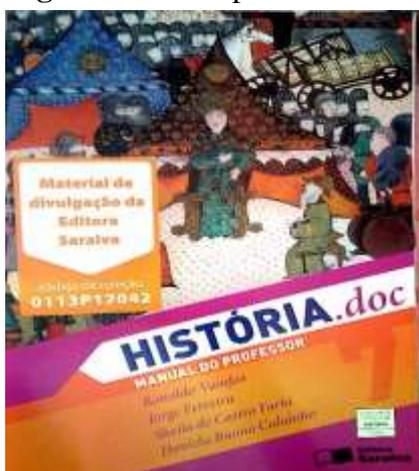
Sendo assim, pode-se dizer que a apostila da escola privada utilizada é semelhante aos livros didáticos utilizados pelas escolas públicas municipais, pois mostram os índios da mesma forma, assim como não mostra a realidade atual dos povos indígenas.

[...] o livro não mostra índios em outros espaços, mas só são retratados de forma limitada, como se eles não tivessem evoluído ou estivessem convivendo em sociedade com diferentes tipos de sujeitos não indígenas. (SILVA e AMORIM, p. 22, 2016)

Portanto, nota-se que os livros didáticos das escolas ainda estão voltados para uma realidade segregadora e que foge da realidade como ela é, pois deixa de mostrar quais são os problemas que estes povos tem passado nos últimos séculos.

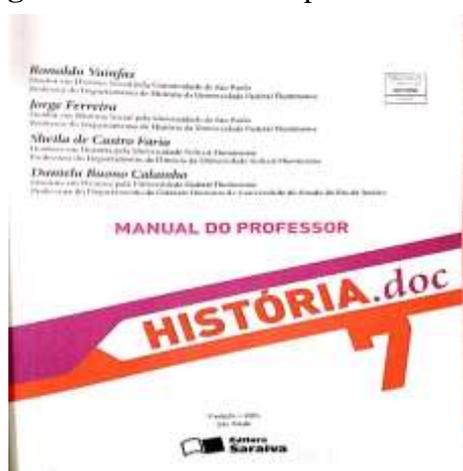
### **Análise do Livro do 7º ano dos anos finais do Ensino Fundamental II**

**Figura XVII.** Capa Livro 7º ano



**Fonte:** Vainfas *et al* (2015)

**Figura XVIII.** Contra capa Livro 7º ano



**Fonte:** Vainfas *et al* (2015)

O livro História.doc (2015) analisado é o manual do professor, publicado pela editora Saraiva, contendo 5 unidades contemplando um total de 14 capítulos, do qual há um único

capítulo que discute sobre a sociedade indígena Tupinambá em Pindorama. O capítulo que dá destaque a esta tribo vem trazendo informações sobre o guerreiro Cunhambebe, o povo e a língua tupi, as malocas que são as casas indígenas, a antropofagia tupi, como eram os tupis no início da colonização, assim como pontua um texto que questiona se os tupis foram aliados ou vítimas da colonização, contando também sobre as epidemias trazidas pelos europeus para a população nativa.

**Figura XIX.** Capítulo 11 do livro



**Fonte:** Vainfas et al (2015)

O capítulo traz um pouco sobre a chegada dos portugueses, dando ênfase ao povo tupinambá (pág. 190) e dá destaque a uma imagem do ano de 1557 que retrata estes índios como guerreiros de lança e flecha na mão. Logo depois (pág. 191) vem contando a história de Cunhambebe um guerreiro tamoio, mostrado no livro como canibal, nas demais páginas os indígenas aparecem sempre nus com lanças nas mãos, ou em ocas feitas de sape, com cocares e o corpo todo pintado, considerados guerreiros ou canibais, assim como falam da antropofagia tupi. Apenas em uma imagem os indígenas são mostrados em uma reunião em Brasília, onde discutiam sobre empreendimentos energéticos na Amazônia, mas mesmo assim com lanças e cocares como se andassem o tempo todo desta maneira.

A imagem do indígena brasileiro, apesar dos séculos que separam as assertivas acima dos dias atuais, ainda permanece praticamente inalterada, ao menos, no que diz respeito ao senso comum. De um modo geral, quando o assunto são os índios, eles ainda são percebidos como bons, inocentes, mas ao mesmo tempo preguiçosos e violentos, especialmente quando são apresentados como obstáculo ao progresso e ao desenvolvimento do país. (LAMAS; VICENTE e MAYRINK, p .125, 2016)

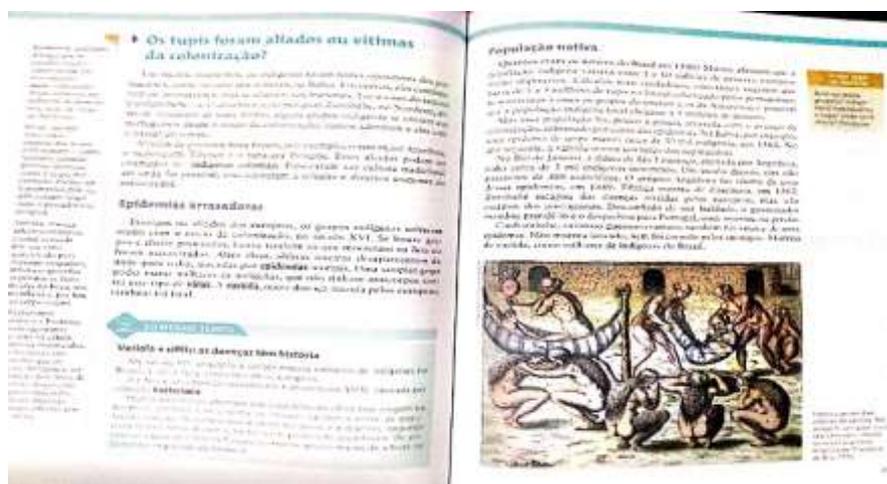
Os livros didáticos acabam que distorcendo a realidade social, cultural e econômica dos indígenas que ainda existem e por mais que tenham estudos acerca da cultura indígena, a sociedade ainda tem uma visão etnocêntrica e colonialista com relação a estes povos. De acordo com Calderoni (2016) a visão de dominação política, social e cultural e epistêmica brasileira conhecida como colonialismo, fez com que surgisse a diferença colonial, e nesta relação os europeus passaram a ser os mais favorecidos, estabelecendo como colonizados os indígenas que são dominados pelo modo de poder, ser e viver do europeu.

Conseqüentemente, os povos indígenas ainda vivem a mercê desse pensamento colonial que segrega e separa, fazendo com que estes indivíduos fiquem a margem da sociedade atual, ou seja, ainda são vistos aos olhos da sociedade colonial.

A imagem abaixo, contida no livro didático do 7º ano dos anos finais do Ensino Fundamental é um exemplo disso, pois retrata os indígenas como seres nativos mas primitivos, vulneráveis e incapazes frente ao homem branco, conta a história mas não mostra a atualidade, destacando quais as formas que os indígenas utilizam para enfrentar estas doenças, ou as necessidades pelas quais eles passam desde o início da história da colonização. A cultura social dominante imposta hoje ainda mostra o indígena como indivíduos que precisam ser dominados, pois ainda são considerados por essa sociedade como selvagens e violentos.

Conforma Calderoni (2016) a presença dos indígenas no livro didático ainda é mostrada de forma fragmentada, depreciativa, associando a ideia de que falar de índio é falar do passado, pois em muitos livros de história eles aparecem em função do colonizador, e quando são vistos, aparecem de forma folclórica e vistos sob o aspecto cultural do passado, sendo assim os livros não preparam as crianças e jovens para entender a presença dos indígenas nem no presente e nem no futuro.

**Figura XX:** Foto das páginas 204 e 205 do livro do 7º ano



**Fonte:** Vainfas et al (2015)

**Análise dos livros do 1º ano do Ensino Médio**

**Figura XXI.** Capa do livro de 1º ano



**Fonte:** Pellegrini, Dias e Grimberg (2016)

**Figura XXII.** Contracapa



**Fonte:** Pellegrini, Dias e Grimberg (2016)

O livro intitulado #Contato História 1 da editora Quinteto, direcionado ao 1º ano do Ensino Médio vem trazendo informações sobre a origem do homem e os vários povos existentes no planeta. É composto por 12 unidades, sendo que vai dar destaque as populações

indígenas na unidade 11, página 258 que trata sobre os povos indígenas no Brasil, sua organização social, divisão do trabalho e as tribos Tupi, Macro-Jê e Marajoara, assim como também explora o tema preservação da cultura indígena no Brasil.

**Figura XXIII.** Páginas 258 e 259 do livro



**Fonte:** Pellegrini, Dias e Grimberg (2016)

As fotos existentes nesta parte do livro trazem um pouco sobre a arte indígena e a vista aérea das aldeias, sendo que os mesmos somente irão aparecer nas páginas seguintes onde discute sobre a preservação da cultura indígena no Brasil. As imagens existentes trazem os indígenas em meio as suas danças culturais vestindo suas vestimentas de comemoração e de dança, assim como vem pontuado sobre a pintura corporal utilizada pelos indígenas.

As páginas 258 e 259 do livro dão destaque ao tronco linguístico dos povos tupi e Macro-Jê e trazem sua história e origem, mas ao explorar o tema sobre a preservação da cultura indígena coloca novamente uma imagem que retrata apenas o índio como no passado e como símbolos folclóricos, como se na atualidade os indígenas vivessem felizes, sem passar por necessidades ou por lutas pela sobrevivência.

A todo o momento o texto vem dando ênfase as manifestações culturais, como a pintura e a dança, assim como os ritos de passagem que os mais jovens passam, assim como as fotos mostradas são apenas de grupos indígenas do Pará, Amazonas e do Mato Grosso, não mostram grupos indígenas do Mato Grosso do Sul ou as aldeias aqui existentes, nem mesmo tribos do Rio Grande do Sul ou do Nordeste brasileiro.

De acordo com Silva (2014, p. 3):

O livro didático, sobretudo o de História, ainda está permeado por uma concepção positivista da historiografia brasileira, que primou pelo relato dos grandes fatos e feitos dos chamados “heróis nacionais”, geralmente brancos, escamoteando, assim, a participação de outros segmentos sociais no processo histórico do país. Na maioria deles, despreza-se a participação das minorias étnicas, especialmente índios/as e negros/as. Quando aparecem no livro didático, seja por meio de textos ou de ilustrações, índios/as e negros/as são tratados/as de forma pejorativa, preconceituosa ou estereotipada.

Apesar dos livros didáticos estarem buscando trazer e apontar as questões indígenas seguindo a legislação brasileira, os autores ainda adotam formas as vezes discriminatórias e subalternizadas de mostrar os indígenas, são muitas vezes pautados nos conceitos historiográficos.

Segundo Calderoni Rocha (1984b, p.17-19 *apud* Calderoni, 2016, p. 123-124) um mesmo livro didático pode apresentar os indígenas de três maneiras diferentes, sendo que geralmente aparecem primeiro como selvagens, primitivos e antropófagos, necessitando ser

colonizados por alguém, depois podem ser vistos como crianças inocentes que precisam ser protegidas pela religião e por último é mostrado como corajoso e ativo que por ser livre era incapaz de trabalhar.

A imagem abaixo faz referência ao que foi pontuado pelos autores, pois mostra o indígena forte e ativo, impregnado de beleza cultural e também como uma criança indefesa e incapaz, assim como uma parte do texto contido nesta unidade coloca questões relacionadas sobre o passado e o futuro

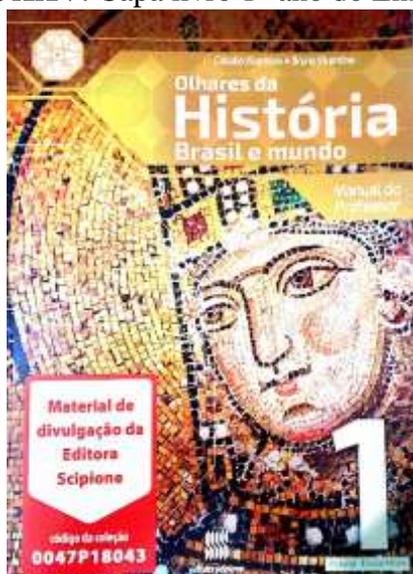
**Figura XXIV.** p, 266 ampliando seus conhecimentos



**Fonte:** Pellegrini, Dias e Grimberg (2016)

**Análise do segundo livro do 1º ano do Ensino Médio**

**Figura XXV.** Capa livro 1º ano do Ens. Médio



**Fonte:** Vicentino; Vicentino e Junior (2017)

**Figura XXVI.** Contracapa



**Fonte:** Vicentino; Vicentino e Junior (2017)

O livro História e mundo da editora Scipione de 2017, direcionado a alunos do primeiro ano do Ensino Médio utilizado para análise é o manual do professor, contém 3 unidades

divididas em 10 capítulos, sendo que não possui especificamente um capítulo falando sobre os primeiros habitantes do Brasil ou sobre os primeiros povos que habitavam as américas, mas em sua introdução traz uma foto de um indígena da Comunidade Pataxó de Aldeia Velha em porto Seguro na Bahia manuseando um computador, onde na pequena citação pontua que cada vez mais os indígenas procuram ter voz na sociedade.

É importante observar que o livro didático pontua algo real sobre as comunidades indígenas hoje, mas deixa a desejar sobre mais informações ou textos que mostrem para os alunos como estão estes povos na atualidade, mas mesmo contendo esta intenção ele é utilizado de forma descontextualizada.

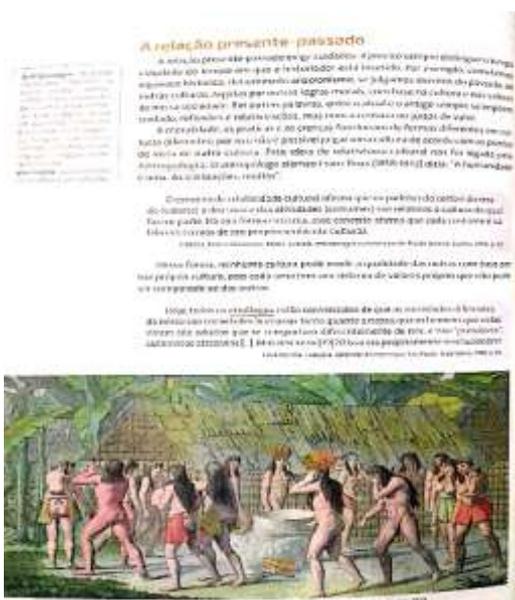
**Figura XXV**



**Fonte:** Vicentino; Vicentino e Junior (2017)

Na página 15 do livro relata-se sobre o trabalho do historiador e de fontes históricas existentes, como o caso da carta de Pero Vaz de Caminha na época do descobrimento, sendo que no trecho onde traz este relato aparecem duas imagens que retratam os indígenas como eles eram vistos pelos portugueses, ou seja, são mostrados como selvagens e hostis.

**Figura XXVII.** p. 16



**Fonte:** Vicentino; Vicentino e Junior (2017)

A página seguinte (pág.16, figura XXVII) discute sobre a relação passado e presente e apesar da imagem utilizada trazer apenas os indígenas como eram vistos aos olhos do colonizador, a página pontua como essa relação passado e presente é vista aos olhos da Antropologia, assim como traz a seguinte afirmação: “não é possível julgar uma cultura de acordo com os pontos de vistas de outra cultura.” (VICENTINO; VICENTINO e JUNIOR, p. 16, 2017)

As construções culturais acerca dos indígenas foram construídas no decorrer dos anos sob os olhares da ideologia dominante europeia e branca que destacam o indígena como um sujeito puro, natural, isolado e não civilizado, sendo que são representações estas produzidas nas relações de poder.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as leituras realizadas e por meio dos livros analisador foi possível observar que os povos indígenas ainda são apresentados de forma descontextualizada de seu contexto real em que vivem, pois em nenhum dos livros foi mostrado as dificuldades pelas quais os povos indígenas passam, como falta de alimento, falta de atendimento médico e social, assim como dificuldades com relação a educação e formação de professores.

Os livros aqui analisados mostraram que os indígenas ainda são apontados como sujeitos hostis e violentos que não trabalham ou que não são autênticos, como se fossem genéricos, são representados como se ainda vivessem no passado na época da colonização europeia. E que apesar da legislação ter evoluído com relação aos direitos indígenas, estes ainda são mostrados para as crianças dentro da escola como se ele ainda vivessem no passado e que são seres folclóricos e que não conseguem se socializar com o branco, são vistos pela sociedade não como os verdadeiros brasileiros mas sim como sendo eles os invasores.

Portanto, é importante que os educadores utilizem o livro didático como ferramenta auxiliar na escola, mas não devem adota-lo como a única ferramenta a ser utilizada, pois se o livro didático traz uma visão estereotipada dos indígenas o educador pode usar meios alternativos desconstruir esses conceitos assim como levar o conhecimento sobre a realidade indígena social, cultural e econômica indígena.

### REFERÊNCIAS

- APOLINÁRIO, Maria RAQUEL. **Projeto Araribá História - 6º ano**. 4ª Edição, São Paulo, Editora Moderna, 2017.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Planalto, 2019. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em Junho de 2019.
- BRASIL. Lei nº 6001 de 19 de Dezembro de 1973. Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Planalto, 2019. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/16001.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16001.htm). Acesso em Junho de 2019.
- CALDERONI, Valeria. A. M. O. Desconstruindo preconceitos sobre os povos indígenas. In. URQUIZA, Antônio Hilário Aguilera. **Antropologia e História dos Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, editora UFMS, 2016.
- DORNELAS, Eline Andréa; MARIANO, Tiago Ledesma. **Caderno 1 Maxi História – 6º ao 9º ano**, cadernos de 1 a 4. Material do professor. Sistema Maxi de Ensino. 1ª Edição, São Paulo, Editora Maxiprint, 2019.
- FILHO, Florisval Santana. **O Conceito De Função Nos Livros Didáticos De Matemática**. X Encontro Nacional de Educação Matemática, Educação Matemática na Contemporaneidade: desafios e possibilidades São Paulo – SP, 13 a 16 de julho de 2016. Disponível em: [http://www.sbem.com.br/enem2016/anais/pdf/5717\\_2683\\_ID.pdf](http://www.sbem.com.br/enem2016/anais/pdf/5717_2683_ID.pdf). Acesso em Junho de 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, editora Atlas, 1987.

LAMAS, Fernando Gaudereto; VICENTI, Gabriel Braga; MAYRINK Natasha. **Os indígenas nos livros didáticos: uma abordagem crítica**. Revista Cadernos de Estudos e Pesquisas na Educação Básica, Recife, v.2, n° 1, p.124 – 139, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/14973-37299-1-PB.pdf>. Acesso em Junho de 2019.

LELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. **#Contato História**. Manual do professor – 1° ano do Ensino Médio. 1° Edição, São Paulo, Editora Quinteto, 2016.

VAINFAS, Ronaldo *et al.* **História.doc**. Manual do professor – 7° ano. 1° Edição, São Paulo, Editora Saraiva, 2015.

VASCONCELOS, Lucimara Regina de Souza. **Buriti: mais história**, 4° ano. 1° Ed. São Paulo, Organizadora Editora Moderna, 2017.

VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, José Bruno; JUNIOR, Saverio Lavorato. **Olhares da História Brasil e Mundo – 1° ano do Ensino Médio**. Manual do Professor. 1° Edição, São Paulo, editora Scipione, São Paulo, 2017.

VIEIRA, Carlos Magno Naglis. Elementos acerca da sociodiversidade dos povos indígenas no Brasil e em MS. In. URQUIZA, Antônio Hilário Aguilera (Org.). **Antropologia e História dos Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul**. Ed. UFMS, Campo Grande/MS, 2016.